A PRÁXIS DA PSICOLOGIA



A PRÁXIS DA PSICOLOGIA

E seus níveis epistemológicos segundo Santo Tomás de Aquino

1.ª reimpressão

Tradução Fábio Florence



A PRÁXIS DA PSICOLOGIA

E seus níveis epistemológicos segundo Santo Tomás de Aquino Martín F. Echavarría

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer meio.

COORDENAÇÃO Sidney Silveira
EDIÇÃO Erisberto Filho
TRADUÇÃO Fábio Florence
REVISÃO Lucas Daniel Tomáz de Aquino
PROJETO GRÁFICO André G.
DIAGRAMAÇÃO Audrey O.

E18

Echavarría, Martín F.

A práxis da Psicologia e seus níveis epistemológicos segundo Santo Tomás de Aquino / Martín F. Echavarría. – Rio de Janeiro : Ed. CDB, 2021.

780 p.; 23 cm.

ISBN 978-65-89415-53-4

1. Psicologia. I. Título.

CDD - 150



Os direitos desta edição pertencem à EDITORA CDB Rua México, 3, 2º andar – Centro – Rio de Janeiro – RJ CEP: 20031-144 - Telefone: (21) 98335-1236

E-mail: contato@centrodombosco.org

SUMÁRIO

Nota à edição brasileira, por Sidney Silveira	17
Abreviaturas	19
Agradecimento	23
Introdução geral	25
0 tema	25
Status quaestionis	26
Estrutura e método do presente estudo	30
CAP. 1: FILOSOFIA DA HISTÓRIA DA PRÁXIS DA PSICOLOGIA	35
I. O estudo prático da personalidade humana nos clássicos e na tradição	37
1. A <i>Ética</i> de Aristóteles como ciência do caráter	37
2. O aperfeiçoamento da personalidade no cristianismo: desde os Padres da	
Igreja até a modernidade cristã	44
A. O duplo aprofundamento dos Padres da Igreja	44
B. A grande síntese medieval	47
C. Desenvolvimentos cristãos modernos e sintomas de desintegração	49
II. A Ruptura moderna com a tradição	52
1. A oposição entre <i>razão</i> e <i>fé</i>	52
2. A separação entre <i>razão</i> e experiência. "Psicologia empírica" e "psicologia racional"	58
A. Christian Wolff	58
B. A Antropologia de Kant	63
C. Wundt e a «psicologia experimental»	67
3. A oposição entre <i>moral</i> e <i>psicologia</i> : A <i>Genealogia da moral</i> , de Nietzsche	70
A. A crise moderna da moral e seus críticos (Kierkegaard e Nietzsche)	70
B. A psicologia pós-moral de Nietzsche	73
C. O influxo de Nietzsche na psicologia	79
III. Localização filosófica das principais correntes atuais de psicologia	82
1. Freud e a psicanálise	82
A. Alguns antecedentes médico-psiquiátricos da psicanálise	82
B. A atitude nietzscheana de Freud e seu projeto filosófico-cultural	85
C. Outros autores de "psicologia profunda"	93
2. Principais correntes contemporâneas	97
Conclusões: conseqüências teóricas e práticas deste processo histórico	106

CAP. 2: FUNDAMENTOS ANTROPOLÓGICOS - ESTRUTURA DA PERSONALIDADE	
E FINALIDADE	113
I. O princípio e o fundamento: <i>o fim último</i>	115
II. A estrutura da personalidade humana	123
1. O homem como unidade psicossomática	123
2. A dimensão cognitiva	134
A. O conhecimento sensitivo	134
a) Os sentidos externos	134
b) O sentido comum e a imaginação	137
c) A cogitativa e a memória	140
B. A inteligência	146
a) A inteligência na psicologia contemporânea	146
b) O intelecto e a verdade	149
C. Integração entre a sensação e a razão	152
a) O intelecto como centro da personalidade	152
b) Razão universal, razão particular, memória e experimentum	154
3. A dimensão afetiva	157
A. A afetividade sensitiva	157
B. A vontade, a liberdade e o determinismo psíquico	163
a) A vontade como tendência ao fim	163
b) A vontade como livre-arbítrio	167
c) Integração da afetividade sensitiva na personalidade humana	169
d) A vontade escravizada	172
C. O "caráter"	175
a) Caráter e habitus	175
b) Razão, temperamento e costume	182
c) Caráter, pessoa e personalidade	190
4. Eu, consciência e inconsciente	194
A. Eu, pessoa e memoria sui	194
a) Algumas posturas de psicologia contemporânea	194
b) Resposta de Santo Tomás	203
B. O inconsciente	214
a) Breve história do inconsciente	214
b) As diferentes formas de inconsciência em Santo Tomás	215

c) A caecitas mentis e o inconsciente reprimido	224
d) O inconsciente e o mundo preternatural	229
5. A mens como <i>imago Dei</i> em Santo Tomás e na psicologia profunda	236
A. A lumen naturalis	236
B. A imago Trinitatis e sua desfiguração	242
III. A vida humana plena	249
1. O verdadeiro fim do homem: a contemplação	249
2. O descanso da mente e a fruição	258
3. Felicidade e prazer em Freud	260
CAP. 3: NORMALIDADE E VIRTUDE	269
I. O caráter virtuoso	271
1. A normalidade humana	271
A. Atualidade do tema da virtude na psicologia	271
B. As virtudes na Psicologia positiva (Positive Psychology)	280
a) Antecedentes da psicologia positiva	280
b) As virtudes na psicologia positiva de Martin Seligman	281
c) Aportes e limites da nova psicologia das virtudes	286
C. O estado de virtude como perfeição e normalidade humana	289
2. A normalidade relativa segundo a idade	293
II. Os "traços de caráter" virtuosos	295
3. O intelecto como organizador do caráter	296
A. Prudência e luz natural	296
B. Experimentum, estimação do particular e inclinação afetiva	299
C. A prudência: arte de vida?	308
4. A moderação do desejo	311
A. A temperança	311
B. A castidade, a abstinência e a sobriedade	313
C. Temperança e autodomínio	317
D. Outras virtudes "refreantes" da afetividade	320
E. A humildade	323
5. A afirmação e o impulso do ânimo	326
A. A capacidade de resistir, a "resiliência" e a "fortaleza egóica"	326
B. Confiança em si mesmo e magnanimidade	331

6. Virtudes sociais e relações interpessoais	335
A. Caráter social, virtudes políticas e justiça legal	335
B. Amor e amizade	343
C. O amor paterno e seu papel na formação do caráter	347
D. O amor a si mesmo	354
Conclusão: a maturidade de caráter e a felicidade humana	360
III. A dimensão sobrenatural da personalidade	363
1. A lei e o pecado: limites do desenvolvimento natural da personalidade	363
2. A plenitude "teológica"	369
A. A graça como "saúde da alma" e a personalidade sobrenatural	369
B. Fé e esperança	375
C. A caridade como centro da personalidade sobrenatural	380
D. A sabedoria	384
3. Psicologia e mística	388
A. A mística dos psicólogos	388
B. Resposta a estas teorias e interpretação tomista destes fenômenos	400
CAP. 4: AS "ENFERMIDADES DA ALMA"	405
I. Os diferentes sentidos de "enfermidade da alma"	405
	407
1. Enfermidades da alma <i>per accidens</i>	407
A. Enfermidade da alma e enfermidade corporal	407
B. Enfermidade e influxo preternatural	414
2. As "enfermidades" próprias da alma	418
A. A enfermidade "psíquica" (aegritudo animalis) Conclusão	419
B. O vício humano como "enfermidade da alma"	427
	429 429
a) A infirmitas como aegritudo animae b) Os "incuráveis"	
	432
C. Classificação desses transtornos em relação à psicopatologia	
contemporânea	436
3. Enfermidade mental e pecado	446
A. A analogia do pecado segundo Santo Tomás	446
B. O pecado de acordo com os psicólogos	455
II. Princípios fundamentais da dinâmica da personalidade viciosa	465
1. O egoísmo	465

A. Egocentrismo, narcisismo, amor desordenado de si	465
B. O ódio de si mesmo	470
C. A lei da concupiscência	473
2. O falso fim	476
3. Distorções cognitivas	481
4. A interação dos vícios	490
II. Principais enfermidades da alma	495
1. A soberba	496
A. A soberba, princípio de todos os vícios	496
B. Rebelião e neurose	501
C. Vanglória, presunção e ambição	508
D. A pusilanimidade	511
2. A tristeza (I): A paixão da tristeza e o vício da inveja	514
A. A paixão da tristeza	514
B. A inveja	522
3. A tristeza (II): a acídia	525
A. As fontes. Akedía e tristitia	525
B. A "tristeza do bem divino" e a preguiça	526
C. Os sintomas da acídia	529
D. A acídia e os psicólogos	532
Nota. Acídia, depressão e "noite escura" – Diagnóstico diferencial	541
4. O temor	549
A. A paixão do temor	549
B. O vício do temor	553
5. Transtornos da agressividade	557
A. A ira como paixão e como vício	557
B. Tipologia tomista da iracúndia	562
C. O caráter sádico e o problema do masoquismo	565
6. A avareza	572
A. O vício da avareza	572
B. Algumas observações dos psicólogos sobre a avareza	575
7. Transtornos na conduta alimentar e vícios	578
A. A gula	578
B. Bulimia e vícios patológicos	581
C. Alcoolismo e vícios	584

8. Desordens sexuais	587
A. A luxúria	587
B. As perversões sexuais	590
C. Incontinência humana e incontinência bestial ou patológica	594
D. Moral sexual, neurose e perversão: da rebelião à luxúria perversa	599
Conclusão	607
CAP. 5: CONSEQÜÊNCIAS PARA A PRÁXIS - A "CURA DA ALMA", OU PSICOTERAPIA	
TOMISTA	611
I. Psicoterapia e pedagogia moral	613
1. A cura da alma	613
2. Pedagogia moral e graça	619
A. A psicoterapia como pedagogia moral individual	619
B. Limites de uma terapia meramente ética	623
II. Princípios fundamentais da arte de curar a alma	630
1. Critérios diagnósticos e princípios terapêuticos	630
A. O conhecimento do indivíduo, a empatia e a misericórdia	630
B. Critérios diagnósticos	637
C. Terapia	642
D. O encontro com o homem pleno	651
CAP. 6: OS NÍVEIS EPISTEMOLÓGICOS DA PRÁXIS DA PSICOLOGIA	657
I. Pressupostos teóricos: A ciência especulativa da alma	659
1. A ciência da alma e suas partes	659
2. O problema da psicologia no contexto da ciência contemporânea: Antropologia,	
psicologia geral, psicologia experimental	668
3. Teoria e práxis	674
II. Níveis epistemológicos da práxis da psicologia	676
1. Nível fenomenológico ou experimental	676
A. Fenomenologia da conduta e caracterologia	676
B. Caracterologia aplicada	685
C. Limites de uma psicologia somente "empírica"	689
2. Ética e psicologia	692
A. Psicologia, ética e psicanálise	692
B. Ética e experiência	696

3. Arte psicoterapêutica e prudência	701
A. Uma arte moral?	701
B. A prudência	705
C. Psiquiatria e psicoterapia	709
D. O método psicanalítico e a doutrina freudiana	720
4. Teologia e psicologia cristã	724
CONCLUSÕES GERAIS	733
1. Conclusões históricas	735
2. Conclusões teóricas	738
3. Conclusões práticas (I): A normalidade	741
4. Conclusões práticas (II): As enfermidades da alma	743
5. Conclusões práticas (III): A cura da alma	747
6. Conclusões epistemológicas	749
Bibliografia	759







Prava consuetudo est quasi quaedam aegritudo animalis. [Um costume depravado é como que uma doença da alma.]

SANTO TOMÁS DE AQUINO, In VII Ethicorum, 1.5.

Ita enim se habet philosophia ad curationem animae, sicut medicina ad curationem corporis.

[Assim, com efeito, a filosofia se ordena à cura da alma como a medicina à cura do corpo.]

SANTO TOMÁS DE AQUINO, In II Ethicorum, 1. 4.

Geralmente se considera que a psicologia é uma ciência relativamente moderna, e isto porque o termo entrou em uso geral somente nos últimos cem, cento e cinquenta anos. Mas se esquece de que houve uma psicologia *pré-moderna*, a qual durou mais ou menos desde 500 a.C até o século XVII, mas que não se chamava "psicologia", e sim "ética", ou, com maior freqüência ainda, "filosofia", ainda que se tratasse justamente de psicologia. Em Tomás de Aquino encontra-se um sistema psicológico do qual se pode, provavelmente, aprender mais que em grande parte dos manuais atuais de tal disciplina; nele encontram-se interessantíssimos e muito profundos tratados sobre temas como narcisismo, soberba, humildade, modéstia, sentimentos de inferioridade, e muitos outros.

E. Fromm, "Psicologia para não-psicólogos".



NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

O realismo perene da Psicologia Tomista

SIDNEY SILVEIRA

COMO CIÊNCIA HISTORICAMENTE RECONHECIDA por modernos e pósmodernos, a Psicologia é uma espécie de bebê epistemológico: há menos de duzentos anos, ela foi trazida à luz, em dores de parto, no laboratório experimental de Wilhelm Wundt, na Universidade de Leipzig, na Alemanha – com pretensões caudatárias de correntes ideológicas ilustradas, evolucionistas e positivistas, todas elas de joelhos no altar comteano da fé no progresso inexorável das ciências e da própria humanidade.

Este otimismo científico, cioso de si e impermeável a qualquer tentativa de resgate da metafísica, lançou às urtigas milênios de estudos sobre a alma humana, como se se tratasse de coisa sem nenhuma importância. Para ficarmos apenas no Ocidente, lembremos que Platão e Aristóteles passaram ao largo dos estudos destes homens apaixonados por aquilo que julgavam ser os meandros desconhecidos da alma humana, cujas pesquisas do final do século XIX prometiam descortinar para o mundo.

Descartes, Kant e Nietzsche, cada qual à sua maneira, moldam a mentalidade de muitos alienistas daquele período, e o próprio Freud, pai da psicanálise, cria o seu arcabouço de teorias tendo como cenário de fundo – sabendo-o ou não – a luz mortiça do racionalismo cartesiano, do ceticismo kantiano e sobretudo do voluntarismo nietzschiano.

Orgulhosa de sua modernidade, a Psicologia desta nova era nasce nos meios médicos, para ir deles afastando-se aos poucos, embora sem nunca perder o sóbrio verniz de ciência de pleno direito, em parte porque muitos estudiosos continuaram a confundi-la com a medicina, e não a troco de nada, pois as primeiras gerações de psicólogos foram de médicos.

Os preconceitos nascentes naquele *fin-de-siècle* contra abordagens antigas – diríamos nós: *tradicionais* – no estudo da alma humana criaram

raízes e atravessaram mais de cem anos, não obstante as aporias em que se engolfaram muitas correntes da Psicologia moderna até à contemporaneidade, sem que quase ninguém desse conta de que lhes faltava justamente base metafísica e uma antropologia filosófica digna deste nome.

Em breves palavras, sem o estudo do ser é impossível conhecer a fundo a alma humana, partícipe do ser.

Algo do que está dito acima é consignado, com farta documentação primária, pelo Prof. Martín Echavarría nesta obra que o leitor tem em mãos. Explica-se: para mostrar a himalaica altitude da Psicologia Tomista, nestes tempos que correm, é necessário desfazer alguns equívocos históricos, sem o que a verdade e a atualidade da tal psicologia (esta, sim) profunda correm o risco de não se mostrarem por inteiro.

"A Práxis da Psicologia" é um livro que nasceu clássico, se por "clássico" entendemos um divisor de águas, mesmo em se tratando duma obra que vai contra consensos cristalizados como se fossem verdades absolutas inamovíveis. A propósito, em muitos dos casos, Echavarría mostra que várias correntes da psicologia contemporânea, postas em paralelo com o tomismo, apresentam insanáveis problemas de raiz, alguns dos quais as aproximam de uma visão esotérica, ocultista e até demoníaca, segundo os seus próprios autores.

Ao final da leitura do presente livro, tendo em mente a abordagem desconcertantemente realista de Santo Tomás, é impossível a psicólogos de formações variadas não sentirem – talvez com certo mal-estar – que um tesouro precioso lhes foi sonegado desde o tempo em que freqüentavam a faculdade. E mais, um tesouro de valor perene.

As páginas que se seguem são de aventura, como também de ventura. A aventura é desbravar mares desconhecidos e a ventura é, ao final da jornada, encontrar um porto seguro, um lugar onde impera a clareza.

Não poderíamos deixar de consignar, e sem pruridos de nenhuma espécie, diga-se, que esta é uma psicologia *católica*, fundada na cosmovisão segundo a qual a sanidade perfeita é impossível neste mundo; e a sanidade possível conta com o luxuoso auxílio da graça divina.

ABREVIATURAS

A Ohras

a. De Santo Tomás

Scriptum super libros Sententiarum = In [número do livro] Sententiarum.

Sententia libri Ethicorum = In [número do livro] Ethicorum.

Sententia libri Politicorum = In [número do livro] Politicorum.

In Aristotelis librum de anima = In [número do livro] de anima.

In libros de sensu et sensatu commentarium = In [número do livro] de sensu et sensato.

In libros de memoria et reminiscentia commentarium = In [número do livro] de memoria et reminiscentia.

Quaestio disputata de virtutibus in communi = Q. De virtutibus in communi.

Quaestio disputata de caritate = Q. de caritate

Quaestiones disputatae de spiritualibus creaturis = De spiritualibus creaturis Quaestiones disputatae de anima = Q. De anima.

In libros Metaphysicorum Aristotelis expositio = In [número do livro] Metaphysicorum.

In libros Physicorum Aristotelis expositio = In [número do livro] Physicorum Quaestiones disputatae de veritate = De veritate.

Quaestiones disputatae de malo = De malo.

In Posteriorum analyticorum expositio = In [número do livro] posteriorum analyticorum.

Super Epistolas S. Pauli lectura = Super [ad Romanos; ad Ephesios, etc.].

Liber de veritate Catholicae Fidei contra errores infidelium qui dicitur Summa contra gentiles = Summa contra gentiles.

In Librum Boethium de Hebdomadibus Expositio = Super de Hebdomadibus

b. Outras

PL=Patrologia latina, Migne.

PG=Patrologia graeca, Migne.

B. Citações

a. Santo Tomás e outros escolásticos

```
Dist.=Distinção.
```

L.=Livro.

I=Primeira parte da Summa Theologiae.

I-II=Primeira parte da segunda parte da Summa Theologiae.

II-II=Segunda parte da segunda parte da Summa Theologiae.

III= Terceira parte da Summa Theologiae.

l.=Lição.

q.=Questão.

quod.=quodlibet.

a.=Artigo.

arg.=Objeção.

ad 1=Resposta à objeção 1.

in c= No corpo do artigo.

sol.= Solução.

n.=Número do parágrafo (Por motivos de comodidade, seguimos a numeração de Marietti).

Summa Theologiae, Parte, questão, artigo, parte do artigo (corpo; sed contra; objeção; resposta à objeção); ex: II-II q. 1 a. 1 ad 1.

A tradução ao castelhano de todos os textos de Santo Tomás e dos demais autores escolásticos é nossa. Eliminamos o latim de todas as citações duplas (latim e castelhano) que havia na tese completa, assim como outras citações secundárias, especialmente em latim, para tornar o texto menos pesado.

b. Outras citações

Em geral, ao citar as obras clássicas e patrísticas, daremos a numeração das colunas e parágrafos das edições críticas.

A tradução de obras clássicas é nossa, salvo nos casos em que assinalamos na Bibliografia edições em castelhano – como, por exemplo, da Ética a Nicômaco e da Metafísica, de Aristóteles –, que, por vezes, corrigimos

nalguns pontos. O mesmo se pode dizer de algumas obras modernas escritas em língua estrangeira. Nalguns casos, não tivemos acesso à edição em língua original, nem a uma tradução espanhola das obras modernas, razão pela qual tivemos de nos servir das traduções ao italiano e ao francês, que, quando julgamos conveniente, traduzimos ao castelhano.



AGRADECIMENTO

O PRESENTE LIVRO É UMA nova edição de minha tese de Doutorado em Filosofia, escrita sob a orientação de meu mestre, o Padre Ignacio Andereggen, que defendi no ATENEO PONTIFICIO REGINA APOSTOLORUM de Roma, em 16 de janeiro de 2004, e que foi publicada pela primeira vez em Gerona (Espanha) em março de 2005. Desde a sua publicação, o livro despertou muito interesse no Brasil, especialmente pela difusão feita por meu bom amigo Sidney Silveira, grande apóstolo do tomismo, a quem tenho de agradecer também por esta edição em língua portuguesa. A versão que aqui se traduz é a da segunda edição, publicada pela Universidade Católica de La Plata, há vários anos. Decidi não modificar o texto, apesar de que, com a perspectiva dos anos e da experiência e conhecimento adquiridos, haveria muitos pontos que eu desejaria matizar, precisar ou, inclusive, reescrever. Como segui nestes anos escrevendo sobre o tema, quem quiser ver meus desenvolvimentos posteriores poderá recorrer a meus escritos recentes. Espero que esta edição contribua para suscitar o interesse pelo estudo da psicologia à luz de Santo Tomás nos países de língua portuguesa, especialmente no Brasil, nestes tempos de tanta indigência intelectual e afetiva. Encomendamo-la ao Doutor Angélico, à Imaculada Virgem Maria, Co-redentora e Mediadora de todas as graças, e ao seu esposo, o patriarca São José.

> MARTÍN F. ECHAVARRÍA 9 de abril de 2021, quarta-feira da oitava de Páscoa



INTRODUÇÃO GERAL

0 tema

"Sapientis est ordinare". Com esta citação da Metafísica de Aristóteles¹ inicia-se a Summa Contra Gentiles, obra em que Santo Tomás apresenta as verdades centrais da fé cristã contra as impugnações dos pagãos – e contra os cristãos que se haviam deixado influenciar em excesso pelo pensamento destes.² A finalidade de nosso estudo é, sem dúvida, mais limitada. No entanto, como não deixa de ter certa semelhança com a inteção tomista na "Summa Philosophica", ainda que limitada a um campo mais particular, a referencia não é desprovida de sentido.

O "sábio" ao qual nos estamos referindo é, seguramente, Santo Tomás, recentemente proclamado Doctor Humanitatis. É a este sábio, de cuja profunda contemplação brotaram e continuam brotando tantas riquezas para os homens, a quem recorremos para procurar pôr um pouco de ordem no – aparente e também realmente obscuro – âmbito da psicologia contemporânea.

Como o título mesmo desta tese indica, "A práxis da psicologia segundo Santo Tomás", aqui não é nosso interesse principal nos ocuparmos de áreas distintas da psicologia contemporânea, embora forçosamente façamos abundante referência a todas elas, mas sim da prática que se lhes costuma atribuir (quer se chame "psicoterapia", "aconselhamento pessoal ou familiar", "orientação vocacional", etc.). A psicologia contemporânea, apesar de ser geralmente pouco estudada em seus fundamentos filosóficos e epistemológicos, costuma ser a principal ocupação de quem estudou esta ciência, e é o que o público em geral (e não somente o vulgo) chama, hoje em dia, "psicologia". Quando se pensa na psicologia, não vem à mente a

L. I, c. 2, 982a 18.

Cf. Summa contra gentiles, l. 1, c. 1.

imagem de um homem com túnica branca que analisa o comportamento de um rato colocado num labirinto, ou que testa reações bioquímicas ou elétricas de um neurônio, mas sim a de um homem que se ocupa de escutar e ajudar outro homem fechado em si mesmo, no labirinto de seu próprio coração. Daqui por diante, pois, ao dizermos "psicologia" estaremos aludindo sobretudo a esta forma de práxis, salvo no caso em que indiquemos algo em contrário. É a natureza desta atividade que será objeto de indagação deste estudo, sob a luz que nos proporcionam as obras filosóficas e teológicas do Doutor Angélico, e, muito particularmente, a II pars da Summa Theologiae.

Status quaestionis

A psicologia, em algum de seus aspectos, e muito particularmente a psicanálise, foi objeto de consideração da parte de muitos filósofos contemporâneos, não somente como tema de análise epistemológica, senão também como fonte de inspiração, o que demonstra suas profundas implicações filosóficas e culturais.³ Estas manifestam, desde o início, que o problema colocado pela nova psicologia parece transcender o da relação entre uma ciência particular e a filosofia. Hoje, Freud é estudado não somente por psicólogos, mas também por filósofos – para não dizer também dos literatos, artistas, etc. -, e sua influência na filosofia contemporânea, especialmente nas linhas pós-estruturalistas e pós-modernas, é patente. Isto apesar do caráter evidentemente primitivo da filosofia de Freud. Pareceria haver por trás da atração exercida por Freud algo que vai além do que ele concretamente diz, como se se intuísse, em suas teorias e métodos, a abertura de uma oportunidade para realizar, na prática, um PROJETO CULTURAL. De fato, a cultura "laica" contemporânea tem em Sigmund Freud, como em Hegel, em Marx ou em Nietzsche, um de seus relevantes

Cf. J.-P. SARTRE, El ser y la nada, Losada, Buenos Aires 1966; L. WITTGENSTEIN, Últimos escritos sobre filosofía de la psicología, Tecnos, Madrid 1994-1996, 2 tomos; H. MARCUSE, Eros et civilization. Contribution a Freud, Les Éditions de Minuit, Paris 1963; P. RICOEUR, Freud una interpretación de la cultura, Siglo XXI, México 19753; K. R. POPPER- J. C. ECCLES, The Self and its Brain, Springer International, New York 1977; M. FOUCAULT, Nietzsche, Freud, Marx, El cielo por asalto, Buenos Aires 1995; P.-L. ASSOUN, Freud. La filosofía y los filósofos, Paidós, Barcelona 1982; etc.

"pais". É certo que a psicologia não é somente Freud, mas é inegável que, geralmente, este significa para os psicólogos algo mais que o fundador de uma escola particular entre outras: a psicanálise.

A atração exercida por Freud e pela psicanálise, como pela psicologia em geral, alcançou também os ambientes cristãos, acadêmicos ou não. Não somente houve importantes psicólogos e psiquiatras católicos4 que se preocuparam com esta difícil problemática, senão também influentes teólogos e filósofos.⁵ Apesar da abundante bibliografia, pouca clareza teórica e prática se obteve sobre este problema. A consequência foi uma enorme confusão entre os católicos que se dedicam à psicologia, e uma deformação prática em muitos âmbitos da vida cristã em que estes intervêm. Sente-se hoje, com força cada vez maior, a necessidade de lançar clareza sobre este tema, que afeta tão profundamente a vida de incontáveis pessoas, e até agora não parece ter encontrado canal adequado [para discutir-se].

Que se pode dizer da escola tomista com respeito a este tema? Devemos reconhecer que, nela, se encontra muito pouco ou quase nada explicitamente referido à psicologia e ao seu estatuto epistemológico. Pareceria que estamos diante de um tema incômodo, inoportuno, difícil de entender desde a perspectiva tomista, espécie de mal-entendido perante o qual a confusão do pensamento contemporâneo nos coloca. Isto é em parte acertado, mas é também verdade que não se refletiu suficientemente sobre o problema,

A. GEMELLI - G. ZUNINI, Introducción a la psicología, Miracle, Barcelona 19583; R. ALLERS, Naturaleza y educación del carácter, Labor, Barcelona 1950; V. E. VON GEBSATTEL, Imago Hominis. Beiträge zu einer personalen Anthropologie, Verlag Neues Forum, Schweinfurt 1964; I. CARUSO, Análisis psíquico y síntesis existencial, Miracle, Barcelona 1954; W. DAIM, Unwertung der Psychoanalyse, Herold, Wien 1951; G. ZILBOORG, Psychoanalysis and Religion, Allen and Unwin, London 1967; K. STERN, The Third Revolution. A Study on Psychiatry and Religion, Garden City, New York 1961; A. TERRUWE, Essere cristiani senza paura e senza angoscia, Paoline, Roma 1970; C. W. BAARS, Born Only Once. The Miracle of Affirmation, Franciscan Herald Press, Chicago 1975. Mais recentemente: L. M. RULLA, Antropología de la vocación cristiana, vol. 1: Bases interdisciplinares, Sociedad de Educación Atenas, Madrid 1990; P. C. VITZ, Psychology as Religion. The Cult of Self-Worship, William B. Eerdmans Company, Michigan 19942; E. PAVESI (curatore), Salute e salvezza. Prospettive interdisciplinari, Di Giovanni Editore, Milano 1994; G. PETROCCHI, Psicología y psicoterapia cristiana, Paulinas, Valencia 1996.

Cf. E. MOUNIER, Traité du Caractère, Éd. du Seuil, Paris 1947; R. GUARDINI, Sigmund Freud e la conoscenza della realtà umana, en Ethica. Rassegna di Filosofia Morale, 1 (1968) 27-44; ; A. GÖRRES - K. RAHNER, Il male. Le risposte della psicoterapia e del cristianesimo, Paoline, Milano 1987; H. U. VON BALTHASAR, Teodramática, Madrid 1990, vol. 1, 487-513; Desde una perspectiva cristiano-ortodoxa, cf. la muy importante obra de J.-C. LARCHET, Thérapeutique des maladies mentales. L'expérience de l'Orient chrétien des premiers siècles, Cerf, Paris 1992.

tendo este sido deixado quase por completo nas mãos de pensadores de orientação e intenção totalmente estranhas às do Doutor Angélico. Em geral, tende-se a enquadrá-lo, de modo simplista, e desconhecendo as obras e as práticas dos psicólogos contemporâneos, no âmbito das "ciências particulares"; ou, em sua vertente prática, tenta-se reduzi-lo à medicina. Deste modo, não se chega a captar a razão de seu poderoso influxo pessoal e cultural. A gravidade desta omissão está em que, não propriamente por não ser objeto de atenção dos tomistas, a psicologia deixa de existir e de influir de modo consistente, e muitas vezes traumático, na vida das pessoas e dos próprios membros da Igreja.⁶

Certamente, um atenuante para esta omissão está em que, no período de maior desenvolvimento do tomismo no século XX, a psicologia não se havia manifestado claramente em sua natureza, a qual hoje, depois de mais de cem anos da fundação da psicanálise, é fácil de perceber. A isto soma-se a dificuldade de que, aparentemente, Santo Tomás não se ocupa do que hoje se chama "psicologia", especialmente da prática que se lhe atribui, senão, para utilizar uma expressão que não lhe pertence, de "antropologia filosófica", e, portanto, de "psicologia racional", e não de "psicologia empírica" – terminologia sobre a qual muito se pode dizer. Nisto consiste, em parte, o problema a ser solucionado. Isto não faz com que, ademais, se deixe de encontrar, aqui ou ali, nas obras de alguns tomistas, sejam ou não referidas a temas explicitamente psicológicos, idéias interessantes que ressaltaremos ao longo deste trabalho. Em geral, podemos distinguir o material tomista sobre este tema em:

- a) Menções incidentais sobre a ubiquação epistemológica da psicologia (em geral, com enfoque sobre a "psicologia experimental");⁷
- b) Artigos que se referem a pontos particulares, ou a escolas determinadas, mas que não desenvolvem o tema em seu conjunto (por exemplo, sobre o inconsciente, o instinto, as paixões, a psicanálise, etc.);⁸

⁶ Nesta passagem, Echavarría faz referência à visão que, contemporaneamente, o mundo católico tem da psicologia enquanto ciência. [Nota do Coordenador Sidney Silveira, doravante N. C.]".

Por exemplo, em J. MARITAIN, Los grados del saber, Desclée de Brouwer, Buenos Aires 1947. Sobre o pensamento deste autor acerca da psicologia falaremos mais detidamente ao longo da tese, especialmente no último capítulo.

⁸ Cf. G. Thibon, «La psychanalyse freudienne et la psychologie scolastique», en Revue Thomiste, 14 (1931) 488-521; R. Allers, «The Vis Cogitativa and Evaluation», en The New Scholasticism, 15 (1941) 195-

- c) Obras sistemáticas, mas que tomam como centro de interesse a "psicologia experimental", nem sempre bem distinguida de outras formas de psicologia; a maior parte delas data de, ao menos, cinquenta anos;9
- d) São praticamente inexistentes as obras sistemáticas dedicadas exclusiva ou principalmente à práxis da psicologia a partir de um ponto de vista tomista. Um "clássico" é a tese doutoral em Letras de Roland Dalbiez, O Método Psicanalítico e a Doutrina Freudiana,10 que no entanto não trata do tema em geral, mas referido exclusivamente à psicanálise de Freud. Por outro lado, nela não há referências a Santo Tomás, apesar de seu autor ser considerado neotomista ou neoescolástico. Reservaremos um juízo sobre esta antiga obra, de influência notável, para mais adiante. O mesmo se pode dizer de obras análogas, como a de V. White, Deus e o Inconsciente, que trata da psicologia de Jung.¹¹ Mais recentemente, referida diretamente ao nosso tema, faça-se menção à obra de A. Stagnitta, La Fondazione Medievale della Psicologia. Struttura Psicologica dell'Etica Tomista e Modelli Scientifici Contemporanei. Passioni, Frustrazioni e Depressione, Virtu. 12 Apesar do grande mérito de haver enfrentado este tema, o livro padece, a nosso juízo, de duplo defeito: conhecimento insuficiente da psicologia prática contemporânea – não diferenciada com clareza das outras formas de psicologia – e de seus

^{221;} J. MARITAIN, «Freudismo y psicoanálisis», en Cuatro ensayos sobre el espíritu en su condición carnal, Desclée de Brouwer, Buenos Aires 1943; M. HUDECZECK, «L'inconscio nella dottrina di S. Tommaso», en Sapientia, (1957) 5-22; F. W. BEDNARSKY, «La psychanalyse de l'aggressivité à la lumière de la psychosynthèse de saint Thomas d'Aquin», en Angelicum, 58 (1981) 389-419; TH. CREM, «A Thomistic Explanation of the Neurosis», en Laval Théologique et philosophique, 2 (1968) 294-300; M. STOCK, «Sense Counsciousness According to St. Thomas», The Thomist, 21 (1958) 415-486; «Some Moral Issues in Psychoanalysis», The Thomist 23 (1960) 143-188; A. Plè, «St. Thomas and the psychology of Freud », Dominican Studies, 5 (1952) 1-34; P. NOLAN, Saint Thomas and the Unconscious Mind, Catholic University of America, Washington D.C. 1953; etc.

Cf. M. BARBADO, Introducción a la psicología experimental, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid 1943; Estudios de psicología experimental, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid 1946. R. E. Brennan, Psicología tomista, Científico Médica, Barcelona 1940; Historia de la psicología según la visión tomista, Morata, Madrid 1957; Psicología general, Morata, Madrid 1961. CORNELIO FABRO, La fenomenologia della percezione, Morcelliana, Brescia 1961; Percepción y pensamiento, EUNSA, Pamplona

R. DALBIEZ, La méthode psychanalytique et la doctrine Freudienne, Desclée de Brouwer, Paris 19492 (2 volumes); trad. esp. El método psicoanalítico y la doctrina freudiana, Club de Lectores, Buenos Aires 1987.

¹¹ V. WHITE, Dios y el inconsciente, Gredos, Madrid 1955.

A. STAGNITTA, La fondazione medievale della psicologia. Struttura psicologica dell'etica tomista e modelli scientifici contemporanei. Passioni, frustrazioni e depressione, virtù, Edizioni Studio Domenicano, Bologna 1993.

principais expoentes; e um modo demasiado pessoal de encarar a obra de Santo Tomás, discutível nalguns pontos. Por isso, cremos necessário o esclarecimento que pretendemos conduzir adiante.

O ponto de partida do nosso trabalho está na visão tomista da práxis da psicologia proposta por Ignacio Andereggen em diversos escritos e cursos.¹³ Nestes, o autor demonstrou a necessidade de se redescobrir a riqueza da psicologia cristã – com especial ênfase em Santo Tomás, ainda que também chamando a atenção para outros autores (como São João da Cruz e Santo Inácio de Loyola) – e os perigos que a psicologia contemporânea encerra, não somente pelos desvios teóricos que se encontram em seus princípios, senão também pelo espírito anticristão que muitas vezes está no seu fundo, espírito que guarda afinidade com importantes correntes da filosofia moderna, as quais têm em Hegel a sua expressão mais elaborada. O trabalho que aqui empreendemos é devedor destes ensinamentos, razão pela qual citaremos com freqüência as obras deste autor.

Estrutura e método do presente estudo

Nossa investigação dividir-se-á em uma introdução, seis capítulos e uma conclusão. Cada capítulo contará com divisões e subdivisões em seções e pontos.

No Capítulo 1, "Filosofia da História da Práxis da Psicologia", faremos uma análise histórico-filosófica das idéias e movimentos que confluíram para a configuração atual da psicologia. Deste modo, buscaremos elucidar *quid significatur per nomen*, o significado atual da psicologia, que corresponde à clássica "definição nominal", requisito para responder às perguntas *an est* e *quid est*¹⁴ a psicologia em Santo Tomás.¹⁵ Faremos isto mostrando as raízes longínquas da atual problemática, remontando às origens do pensamento acerca do homem e seu comportamento, na Grécia Antiga, verificando o

¹³ Cf. I. Andereggen, «Santo Tomás de Aquino, psicólogo», en Sapientia, 54 (1999) 59-68; I. Andereggen - Z. Seligmann, La psicología ante la gracia, EDUCA, Buenos Aires 1999.

^{14 &}quot;Se existe" e "o que é". [N. C]

¹⁵ Cf. In I Posteriorum Analiticorum, l. 2, n. 5.